

OLHAI OS HOMENS DO CAMPO! OS DE A CAVALO, OS DE PÉ NO CHÃO!

(Julio Cesar Paim – Antônio Prado/RS)

A princípio

tudo o que ele precisaria para viver em paz,
seria:

um pedaço de Campo!... Com aguada boa!

Uma casa de madeira. Um galpão com fogo
de chão...

Um galo para acordá-lo antes do sol...

uma vaca mansa. Ovelhas, para tecer o
poncho...

Tecido de algodão cru, para a camisa branca,
os lençóis, a bombacha...

Algumas espigas de milho, para cultivar e
fazer o pão de forno...

Um pé de cravo vermelho do campo, da mais
medicinal e terrunha raiz...

Um cavalo, para desvendar horizontes,
e para aprender com ele o que o homem não
sabe...

O chimarrão,

para que, nas horas vagas, aprendesse ouvir a si mesmo...

Uma guitarra, para decifrar os segredos da
alma!

E mais!... O brilho de um olhar...

Um meigo olhar, capaz de inspirar, incendiar milongas!

Claro, havia uma condição:

deveria cuidar desse pequeno universo
com o mesmo amor com que se cria um filho!

Preservar, amar o Campo nativo, acima de
tudo!...

... que se agisse assim nada haveria de lhe
faltar!

Toda a manhã

haveria de levantas com o canto do galo....

Matear, celebrando a água!... Tirar o leite.

Depois encilhar o cavalo... E dar uma volta no Campo,
contando as ovelhas, os cordeiros nascidos...

... o que é uma verdadeira terapia! E, ao
mesmo tempo,

uma forma de se manter na mais perfeita harmonia
com o universo, com a própria criação...

E, ao final da tarde,

deveria pegar a guitarra

e tentar inventar uma nova milonga,

dessas que nascem do fundo do coração,

e que se vão, com asas de vento e essência

de flor,
levando consigo a mais sublime promessa de
amor...

Enquanto era moço
cumpriu à risca o combinado...
Cuidou com afinco o que havia herdado,
mas não percebeu que enquanto envelhecia
foi esquecendo de detalhes importantes...
E com o passar do tempo
mudou completamente seu jeito de ser...

Arrendou o Campo para o plantio da soja...
Trocou o cotidiano de andar a cavalo por um
carro zero.
Passou a consumir refrigerante, margarina,
mortadela, pão de padaria. Frango de
aviário...
... e tal qual a ave, tornou-se sedentário.
Ganhou peso.
Mas perdeu a ousadia, a força bruta do
braço!...
O laço pesou. E, ao tentar quebrar o queixo
de um potro,
beijou a grama...

Perdera,
definitivamente,
o rumo das casas!...

Cada um colhe o que semeia!...
Rude contradição: bolso cheio de dinheiro
e um vazio no coração!...

Sentiu-se,
pela primeira vez, na vida
imensamente velho...
... e, algo que jamais sentira antes: medo!...
...medo do que seria o amanhã!

Porque mudara tanto?
Esquecera até da receita do pão de milho,
que, ao ser assado no forno de barro,
nos reponta a um memorial de doces
lembranças!...

Desapontado, tentou encontrar,
na raiz do cravo vermelho do campo,
algo que lhe pudesse amenizar a angústia,
o vazio que lhe tomara de assombro...
Esforço em vão! No campo sangrado pelo
arado,

nada mais encontrou. A não ser um imenso
mar vermelho,
por onde hoje não navegam primitivas
caravelas,
mas gigantescas máquinas azuis, verdes,
amarelas,
que plantam e colhem a soja, sem ninguém
a bordo...
...e, que como no tempo de Cabral,
custam ao homem nativo o olho da cara!

Paradoxo. A máquina,
inventada pelo próprio homem,
e agora programada à distância, via
computador,
tomara que de vez o lugar do criador...
...tornando obsoleto: o homem e o cavalo!
O mundo aparentemente igual,
globalizado, onde cada um só pensa em si,
o havia transformado em mais um...
...um homem a mais...
... um homem assustado e, ao mesmo tempo
deslumbrado
com a possibilidade de viver sem precisar trabalhar!

Não! Não podia negar..
O mundo das novelas da televisão, onde
quem vence
é sempre o que não trabalha, o desonesto, o
espertalhão...
... sutilmente estava mudando seu jeito de
ser!
Inconscientemente, também se sentia um
pouco seduzido
pelo luxo da calça Lee desbotada, a camisa
de marca, o óculos de sol...

Era como se estivesse sendo enfeitiçado,
pelo andar macio da bota de cowboy
- importa a peso de ouro – que rouba
do homem rural a terapêutica e mágica
sensação
de pisar a terra. A terra de mato, com cheiro
selvagem!...
...o que além de medicinal, é um direito
ancestral:
andar descalço, alma de guri a desbravar
horizontes!...
...para desvendar o que há do outro lado do
mundo!

O ser humano, na sua origem,

nasceu pra ser livre...
... incorruptível, indomável, apesar de
racional.
Vender-se. Negar suas próprias raízes não é
normal.
O homem,
antes de ser homem, é animal!...
Sua relação com o Campo
transcende a própria natureza humana...
Ele é como se fosse extensão da própria
terra!...

Só quem tem os pés no chão
pode ir além!...
Percebera, enfim.

E chegara aí, talvez, ao fio da meada,
ao grande dilema do Homem ao longo da
História:
como tocar a vida adiante, sem perder a identidade?

Não! Não havia como continuar, a esmo, de
coração partido...
Agora era a hora! Precisava reencontrar-se com o melhor de si....
Mais do que necessário, era vital: resgatar a
própria essência!

Mas por onde recomeçar?...
Quem sabe, encilhar o cavalo, camperear?...
...volta a ser autêntico, no jeito de fazer as coisas...
... e fazer tudo de novo com amor, garra,
paixão!...
Não seria esse o segredo da receita do pão
de milho
que o faz começar a crescer bem antes de ir ao forno?
E assim se fez!

Pé no chão...
Bombacha remendada... Espírito de moço!...
O ideal no horizonte ! E, o mundo à mão.
Detalhe. Ao arremangar a camisa branca
para debulhar a espiga de milho, escolhida
para farinha do pão, os tímidos dedos
campeiros,
sem querer tocaram a guitarra, cor de
pinhão!...
e uma milonga com cheiro de Campo se veio
ao vento...
... trazendo consigo a vaga lembrança
de um amor que passara sem passar!

Renascia ali, no fundo do olho, o brilho único

da seda das labaredas do fogo de uma
paixão!
... o mesmo brilho! Que, um dia, num só olhar,
uniu dois corações para jamais separar!

Era, de novo, primavera!...
Tempo de, antes do sol nascer, encilhar o
cavalo!
Camperear! Ver o Campo brotar... Renascer
com ele...
E semear o milho para o sustento da casa!... E,
ao semeá-lo,
se deixar envolver pelo doce aroma do pão
de forno,
que, muito antes de estar pronto, já nos
alimenta...

É de coisas simples
que se faz a Vida!...

Os de alma boa
haverão, sim, de compreender
algo que o pai do meu pai dizia
e que, com certeza, o cavalo já sabia
muito antes do homem saber:
só quem tem os pés no chão,
e plena consciência de sal razão de ser,
consegue ir além!...
...sem perder o rumo!
Sem perder a essência!...
.... e sem se perder.